

A Perpetuação da Violência nas Relações Familiares para a Relação Conjugal Futura: O Homem em Questão

HENRIQUE JULIANO ROSA PEREIRA¹, DENISE FALCKE²

¹ Autor, Graduando de Psicologia, UNISINOS

² Orientadora, Doutora em Psicologia, Coordenadora do PPG em Psicologia da UNISINOS

INTRODUÇÃO

O tema da violência conjugal vem conquistando a atenção da sociedade no âmbito das políticas públicas e no meio científico, devido às graves consequências de sua ocorrência e em detrimento à tendência ao silenciamento. A denúncia desses acontecimentos partiu historicamente do movimento feminista, que ao dar maior visibilidade à causa, reivindicava melhores condições de vida e direitos igualitários para as mulheres. São muitos os estudos que trabalham com a noção de gênero como forma de compreensão e tratamento da violência entre parceiros, porém, questionamentos vêm surgindo em relação a este paradigma, uma vez que o sexismo pode ser considerado como um fator, dentre outros, relacionado à violência entre casais. A violência pode também ser entendida como um fenômeno interacional, considerando que os parceiros desempenham múltiplos papéis em seus relacionamentos. Estudos internacionais com população não clínica remetem a uma maior mutualidade e simetria na violência conjugal, abrangendo suas diferentes formas de manifestação. No Brasil, os estudos que envolvem participantes homens ainda são escassos. Neste sentido, dar atenção científica à temática da violência entre parceiros íntimos permite elaborar intervenções direcionadas para estas situações, pensando na saúde do casal e também nos relacionamentos futuros dos filhos, a fim de romper com o ciclo transgeracional de violência. Deste modo, o presente estudo tem como objetivo investigar a presença de violência nos relacionamentos conjugais dos homens participantes, considerando também o poder preditivo de suas experiências na família de origem para a ocorrência de violência.

METODOLOGIA

Realizou-se um estudo quantitativo, com delineamento descritivo, correlacional e explicativo. Os participantes foram 186 homens, heterossexuais, casados ou morando juntos residentes região metropolitana de Porto Alegre. A idade média foi 41,37 anos (dp= 12,63). Com relação ao tempo de relacionamento conjugal foi de um ano a 56 anos (m= 14,83; dp=11,81). Os instrumentos utilizados foram a Revised Conflict Tactics Scale (CTS2), como medida de violência conjugal, nas dimensões de violência física, agressão psicológica e coerção sexual e o Family Background Questionnaire (FBQ), que investiga as experiências vividas na família de origem e possui subescalas de negligência física, abuso físico paterno e materno, abuso sexual, ajustamento psicológico paterno e materno, aliança parental e abuso de substâncias paterno e materno.

RESULTADOS

A violência física grave sofrida pelo homem teve correlação positiva com abuso físico paterno ($r=0,155$; $p=0,047$) e o abuso sexual ($r=0,220$; $p=0,005$) e negativa com o ajustamento psicológico paterno ($r=-0,273$; $p=0,001$). Da mesma maneira, no que se refere à violência física menor, houve correlação positiva com as variáveis: abuso físico paterno ($r=-0,199$; $p=0,010$) e abuso sexual ($r=0,226$; $p=0,004$) e negativa com ajustamento psicológico paterno ($r=-0,273$; $p=0,001$). Quanto ao que relatam sofrer, 24,2% dos homens dizem ser vítimas de violência física menor. Para avaliar questões relacionadas aos fatores preditivos da violência física sofrida pelo homem na conjugalidade realizou-se uma análise de regressão. Verificou-se que a variável abuso sexual na infância teve um poder explicativo de 33,2% da variância da violência conjugal sofrida pelos homens ($R^2 = 0,332$; $p<0,01$).

Coeficientes não padronizados			Coeficientes Padronizados		
Variáveis do modelo	B	Modelo Padrão	Beta	T	Sig
Abuso Sexual Familiar	1,292	,367	,576	3,524	0,002

$R = 0,576^b$ $R^2 = 0,332$ R^2 ajustado = 0,305

DISCUSSÃO

Os resultados revelam o abuso sexual como um fator preditivo da ocorrência de violência física sofrida pelos homens nos relacionamentos íntimos e que os relacionamentos conjugais violentos na vida adulta podem estar ligados às experiências vividas nas famílias de origem. As graves consequências da violência sofrida na infância, pode estar relacionada aos prejuízos a longo prazo nos sujeitos que sofrem violência. O estudo ajuda a auxiliar no entendimento de que homens também sofrem violência psicológica e sexual nas relações conjugais, modificando a visão que somente assumem papel de perpetrador. Nesta pesquisa, os achados também corroboraram a literatura salientando o impacto das experiências de violência vividas no passado, especialmente com a figura paterna. Considera-se que esse estudo pode contribuir para outras pesquisas futuras, além de auxiliar na instrumentalização de profissionais da saúde no atendimento a casos semelhantes.

REFERÊNCIAS

Falcke, Denise; Oliveira, Denise Zangonell de; Rosa, Larissa Wolff da; Bentancur, Maria. Violência conjugal: um fenômeno interacional. *Contextos Clínicos*, v. 2, n. 2, p. 81-90, 2009.

Harris, K. L., Palazzolo, K. E., Savage, M. W. (2012). 'I'm not sexist, but...': How ideological dilemmas reinforce sexism in talk about intimate partner violence. *Discourse & Society* 23(6) 643- 656, 2012. Lovestad, S., Krantz, G. (2012). Men's and women's exposure and perpetration of partner violence: an epidemiological study from Sweden. *BMC Public Health*, 12: 945. doi 10.1186/1471-2458-12-945 Próspero, M. (2007). Mental Health Symptoms Among Male Victims of Partner Violence. *American Journal of Men's Health*, Vol. No. 4, 269-277, 2007. doi 10.1177/1557988306297794

Ribeiro, M. (2010). Movimento feminista na fonte dos centros de combate à violência contra mulheres. Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas, 2010. Londrina, PR, Brasil.

Santos, C. M., Izumino, W. P. (2005). Violência contra as mulheres e violência de gênero: notas sobre estudos feministas no Brasil. *Estudios Interdisciplinarios de América Latina y El Caribe*, 16(1). Straus, M. A. (2008). Dominance and symmetry in partner violence by male and female university in 32 nations. *Children and Youth Services Review*, 30, 252-275.

Straus, M. A. (2011). Gender symmetry and mutuality in perpetration of clinical-level partner violence: empirical evidence and implications for prevention and treatment. *Aggression and Violent Behavior*, 16, 279-288. doi 10.1016/j.avb.2011.04.010